

O TRIUNFO DA BATALHA

DE QUIFANGONDO

1975

A yellow five-pointed star is positioned behind the year '1975' and partially overlaps the black bar containing the text 'DE QUIFANGONDO'. The star is centered horizontally and vertically within the lower half of the page.



Na história contemporânea de Angola a Batalha de Quifangondo (ou Kifangondo) – nome dado a um lugar pitoresco situado no morro a poucos quilómetros a norte de Luanda, junto à foz do rio Bengo tem uma importância especial. Foi aqui que, de 23 de Outubro a 10 de Novembro de 1975, teve lugar a Batalha entre as forças conjuntas do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e dos combatentes internacionalistas cubanos, de um lado, e os destacamentos da FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), apoiados pelas tropas regulares zairenses, sul-africanas e um contingente de mercenários estrangeiros, de outro lado. A importância deste acontecimento para a História moderna de Angola é difícil subestimar. E não é por acaso que, no início do século XXI, é na região de Quifangondo que o Governo de Angola ergueu um grandioso memorial que hoje é um dos principais Monumentos Nacionais em homenagem aos heróis da luta pela Independência de Angola.

1. A duração da salva de um veículo (MLRS) BM-21 "Grad BM-21 é de 120 segundos.

O jornal oficial das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA) "Njango ya Swalali" chamou esta batalha a "Mãe de Todas as Batalhas". Considera-se que foi em Quifangondo que começou a marcha triunfal do MPLA em Angola. Graças à vitória histórica na Batalha de Quifangondo, derrota dos opositoristas armados da FNLA de Holden Roberto e dos invasores zairenses e sul-africanos, o MPLA soube manter o controlo da capital do país. À noite de 11 de Novembro de 1975, em plena



conformidade com os Acordos celebrados com a Administração Portuguesa, o Presidente do MPLA Agostinho Neto proclamou a Independência de Angola. Esta vitória teve uma importância excepcional na História contemporânea de Angola, tendo contribuído para a consolidação do poder do MPLA e, posteriormente, a ajuda de Cuba e os fornecimentos do material militar soviético permitiram resistir à agressão externa da RSA, preservar a Soberania e a Independência Nacionais.

A informação que se tornou do conhecimento público sobre a participação nos combates de Quifangondo ao lado da FNLA das unidades militares do odioso regime do apartheid existente na época na RSA e dos mercenários europeus contribuiu decisivamente para a mobilização da opinião pública mundial a favor do MPLA e ao mesmo tempo afectou seriamente a reputação do líder da FNLA Álvaro Holden Roberto no qual apostavam os EUA e outros países ocidentais. Como consequência, os dirigentes de muitos países africanos que inicialmente censuravam a intervenção de Cuba em Angola, assumiram uma atitude mais ponderada e concordaram mesmo com os argumentos



2. Durante os combates em Setembro e Outubro de 1975 no Norte de Angola, os combatentes das FAPLA apelidaram este lançador "Grad-1-P" de "Monacaxito". O lançador de quarenta canos BM-21 "Grad", ao contrário, chamava-se "Monacaxito de 40 canos".

do MPLA relativos ao seu direito à ajuda militar por parte de Cuba. Portanto, a Batalha de Quifangondo, além de ser uma importante vitória militar, é uma enorme vitória política do MPLA e do seu "braço armado" – as FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola).

Na história militar a Batalha do Quifangondo – é só um pequeno combate mas de enorme resultado político, pois a Angola de hoje realmente surgiu do resultado deste confronto.

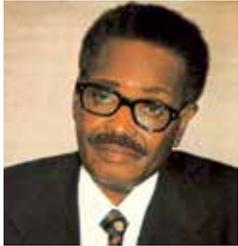
É necessário dizer que a Batalha de Quifangondo em 1975 foi o primeiro caso de emprego operacional dos lançadores (MLRS) BM-21 "Grad" não só em Angola, mas em toda a África subsariana. Se a 10 de Novembro de 1975 as forças conjuntas angolano-cubanas em Quifangondo não dispusessem de uma arma tão poderosa e eficiente, a História de Angola podia seguir um caminho totalmente diferente.

É necessário dizer que a Batalha de Quifangondo em 1975 foi o primeiro caso de emprego operacional dos lançadores (MLRS) BM-21 "Grad" não só em Angola, mas em toda a África subsariana.

3. Julgamento dos mercenários britânicos e norte-americanos sob o comando do assim chamado "Coronel Callan" em Luanda 1976.



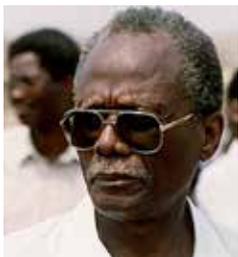
A CAMINHO DA INDEPENDÊNCIA



4. Dr. Agostinho Neto, Líder do MPLA, Primeiro Presidente da República de Angola



5. Dr. Jonas Savimbi, Líder da UNITA



6. Dr. Holden Roberto, Líder da FNLA

Após a ascensão ao poder em Portugal, em Abril de 1974, do Movimento das Forças Armadas (MFA), os novos dirigentes do país tomaram a decisão sobre a concessão da independência aos seus “territórios ultramarinos”, inclusive a Angola. Na época, o movimento de libertação nacional em Angola foi representado por três Movimentos: o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) de António Agostinho Neto, que, desde o início da década de 60 do século XX, contava com o apoio entre outros de países da URSS e de Cuba; a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) liderada por Álvaro Holden Roberto, apoiada pelos EUA e Zaire; a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), presidida por Jonas Malheiro Savimbi que igualmente recebia ajuda militar de vários países ocidentais. O novo Governo Português reconheceu estas três Organizações como Partes Oficiais nas negociações que visavam a criação de uma base jurídica para a transferência do poder em Angola ao povo deste país, inclusive a realização das eleições livres para a Assembleia Constituinte. A 4 de Janeiro de 1975, os líderes do MPLA, FNLA e UNITA reuniram-se em Mombaça no Quênia e acordaram na constituição do governo transitório de coalizão, futuros órgãos do poder e Forças Armadas conjuntas de Angola.

Em Janeiro do mesmo ano, em Alvor (Portugal) foi celebrado o Acordo quadripartido entre o MPLA, FNLA, UNITA e o Governo de Portugal que, em particular previa: a constituição do Governo de Transição em Angola, integrando os representantes dos três Movimentos e os representantes da nova Administração Portuguesa; formação dos órgãos da administração civil e militar dos representantes dos três Movimentos; eleição



7. Os líderes de MPLA, UNITA, FNLA e o Presidente de Portugal depois da assinatura do Acordo de Alvor (Portugal, 1975)

para a Assembleia Constituinte em Outubro de 1975 que devia eleger o Presidente do país. Em conformidade com o Acordo de Alvor de 15 de Janeiro de 1975, celebrado entre o Governo de Portugal, de um lado e o MPLA, a FNLA e a UNITA, de outro lado, a proclamação da Independência de Angola e a transferência de poder ao Governo formado ficou marcada para 11 de Novembro de 1975.

Todavia, devido a divergências políticas de longa data existentes entre o MPLA, FNLA e UNITA, muito em breve o Governo de Transição formado por três movimentos cindiu-se. À medida que se aproximava o dia 11 de Novembro, as contradições entre o MPLA, FNLA e UNITA se agravavam e finalmente resultaram em confrontos armados abertos entre os seus partidários, sendo as primeiras hostilidades registadas no segundo trimestre de 1975.

A FNLA e a UNITA, de facto, formaram uma coalizão que procurava eliminar o MPLA do palco político por via militar, sendo os Estados Unidos apoiante externo mais importante destes planos. Contando com o apoio militar estrangeiro, Holden Roberto e Jonas Savimbi declararam a sua intenção de tomada de Luanda antes de 11 de Novembro de 1975. Nesta situação A. Neto dirigiu-se a Cuba, URSS e outros países da Comunidade Socialista solicitando a ajuda militar ao MPLA. O seu pedido foi satisfeito.

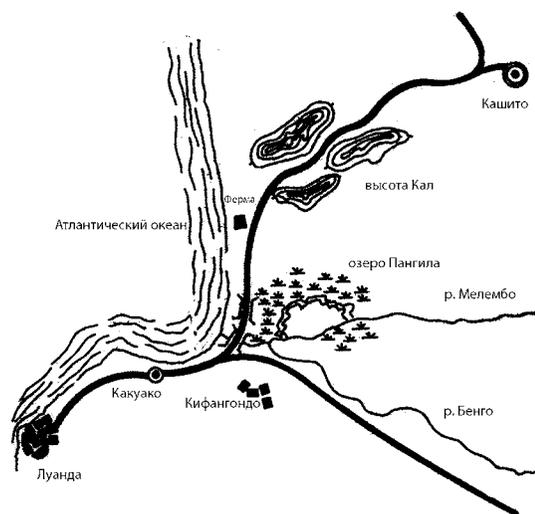
Em 25 de Julho de 1975, o líder da FNLA, Holden Roberto, aberta e publicamente exortou os seus partidários a iniciar a “guerra total” contra o MPLA e deu às suas unidades a ordem de tomada de Luanda. “Não é para negociar que vamos a Luanda,– disse ele numa entrevista concedida a 24 de Julho ao correspondente da AFP,– mas, sim, para assumirmos o governo do país”.

Contando com o apoio militar estrangeiro, Holden Roberto e Jonas Savimbi declararam a sua intenção de tomada de Luanda antes de 11 de Novembro de 1975.

FNLA: “O PEQUENO-ALMOÇO EM CAXITO, O ALMOÇO EM CACUACO E O JANTAR EM LUANDA!”

Em meados de Setembro de 1975, as colunas da FNLA apoiadas por tropas regulares zairenses iniciaram a ofensiva decisiva contra Luanda. A força de choque principal das tropas da FNLA e do Zaire era constituída por 16 auto metralhadoras ligeiras sobre rodas (4x4) AML-90 e AML-60 Panhard de origem francesa tripuladas por ex-militares portugueses e efectivos zairenses. O ex-comandante do ELNA em Quifangondo Tonta Afonso de Castro afirma que as forças do Zaire “incluíam três Batalhões de Infantaria”, enquanto “a força da FNLA integrava quatro Batalhões de Infantaria e um Batalhão de reserva”.

8. No livro “A Guerra em Angola” (La Guerra de Angola), baseado nas recordações dos participantes cubanos daqueles eventos, há um esquema da área de Quifangondo, terra de gente camponesa, que naquele momento era um palco de um conflito internacional.



As tropas em ofensiva da FNLA e do Zaire eram apoiadas pelo fogo de até dez canhões sem recuo anti-carro móveis de 106 mm instalados nos



9. O cartão do membro da FNLA pertencente ao mercenário britânico Peter M'Alisse.

jipes Toyota e Land Rover (das forças zairenses) e da Bateria de morteiros de 120 mm (da FNLA). Nos primeiros dias de Novembro, o agrupamento da FNLA em ofensiva foi reforçado por um Pelotão de canhões de grande alcance de 130 mm do exército zairense sob comando do coronel Molimbi. Junto ao Estado-Maior da FNLA trabalhavam um grupo operacional da CIA chefiado por um representante da CIA dos EUA, J. Stockwell e um grupo de oficiais sul-africanos, tendo como chefe o Brigadeiro das SADF Ben de Velt Roos que eram responsáveis pela coordenação das operações e comunicação com a CIA e o Comando das SADF. O General Ben de Velt Roos era conselheiro militar de Holden Roberto enquanto os seus oficiais prestavam assistência prática às tropas da FNLA.

Os combates no Outono de 1975 a norte de Luanda entre as FAPLA e as forças da FNLA e do Zaire caracterizavam-se por uma alta mobilidade, pois não havia linha da frente contínua. As unidades das FAPLA e seus adver-



10. Coluna de tropas da FNLA a caminho de Quifangondo.



11. O mapa da Batalha de Quifangondo exposto nas edições "11o Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo. Instituto de Geodesia e Cartografia de Angola, 1986" é um documento valioso.

sários de um modo geral avançavam na composição de destacamentos ou colunas. Normalmente, os combates das forças rivais eram travados ao longo das estradas, montavam-se emboscadas. A tática amplamente utilizada visava expelir o inimigo das povoações ocupadas com a posterior perseguição. Os combates tenazes eram travados pelo controlo das povoações de Barra do Dande, Quicabo, Porto Quipiri, Caxito, Morro de Almeida etc., assim como em torno de grandes propriedades agrícolas da mesma região, tais como Lifune, Libongos, Tentativa, entre outras. Muitas destas várias vezes passavam de mão em mão. A 7 de Setembro de 1975, as FAPLA empreenderam uma ofensiva contra a cidade de importância estratégica de Caxito controlada pela FNLA e conseguiram desalojar os destacamentos de Holden Roberto.

Neste contexto, Holden Roberto solicitou ajuda militar adicional ao presidente do Zaire Mobutu que lhe foi prestada. A 11 de Setembro, os aviões

de transporte militares C-130 da FA zaireense transferiram do Zaire a Ambriz mais um contingente de tropas zairenses, i.e., 4º e 7º Batalhões de Comandos de elite, (assim chamados, comandos kamanyolas) comandados pelo Coronel do exército zaireense Mamina Lama. A partir daquele momento, segundo J. Stockwell, conselheiro norte-americano de Holden Roberto, **"o prato da balança pendeu a favor da FNLA ao norte de Luanda"**.

Tendo continuado a ofensiva, a 17 de Setembro, as forças de H. Roberto retomaram Caxito. Segundo recordava Álvaro António, participante dos combates em Quifangondo, combatente das FAPLA, os dirigentes da FNLA estavam tão seguros do êxito da ofensiva que até lançaram um slogan aos seus soldados: "O pequeno-almoço em Caxito, o almoço em Cacucaco e o jantar em Luanda". Holden Roberto estava certo que "a bandeira da FNLA seria hasteada em Luanda ainda antes do dia 11 de Novembro que era a data oficial da proclamação da Independência de Angola". Na entrevista concedida à Rádio do Zaire, o líder da FNLA declarou que **"no dia 6 de Novembro ele estaria em Luanda"**.

Em meados de Outubro, as tropas da FNLA e do Zaire conquistaram o Porto Quipiri que, segundo o veterano das FAPLA João Luís Neto "Xietu", considerava-se "posto avançado de defesa das FAPLA". Visando travar a ofensiva da FNLA, as tropas das FAPLA em retirada explodiram a ponte sobre o rio. Os sapadores zairenses construíram uma nova ponte e as unidades de H. Roberto e do Zaire prosseguiram seu avanço. Elas conquistaram Sassalemba, a 32 km de Luanda, e chegaram ao Morro da Cal, uma elevação dominante naquela área. Ocupando estas posições, a artilharia de longo alcance zaireense e da FNLA podia bombardear os subúrbios de Luanda. Em seguida, as unidades zairenses e da FNLA, mantendo a posse das elevações dominantes e da fazenda agrícola ao lado da estrada que seguia em direcção a Luanda, aproximaram-se da Lagoa do Panguila com margens pantanosas e do rio Bengo que eram últimos cursos de água que as separavam da capital angolana.

Na estrada para Luanda havia duas pontes sólidas de betão armado, uma sobre a Lagoa do Panguila de margens pantanosas e outra sobre o rio Bengo. Se fossem destruídas pelos defensores de Luanda, estas pontes transformavam-se em obstáculos insuperáveis para as forças da FNLA. Na margem oposta (esquerda) do rio Bengo, numa colina ficava a vila de Quifangondo, situada a 23 km da capital. As subunidades das FAPLA



12. AML-90 Panhard dos C.E. portugueses, destruído na estrada perto da ponte sobre o rio Bengo.

da 9ª Brigada de Infantaria que estava na fase inicial da formação, passaram à defesa.

Segundo recordava o veterano angolano das FAPLA o general João Luís Neto “Xietu”, as posições escolhidas para a defesa apresentavam vantagem excepcional, ficando nas elevações dominantes da margem esquerda do rio Bengo. À direita o caminho ao inimigo que avançava do lado do Morro da Cal, era cortado pela Lagoa do Panguila de margens pantanosas e pelo rio Bengo. À esquerda estava o estuário pantanoso e sinuoso do rio Bengo que desagua no oceano Atlântico. O único caminho a Luanda que podiam seguir a infantaria e os veículos de combate do inimigo passava do Morro da Cal pela estrada asfaltada e pelas pontes sobre a Lagoa do Panguila e o rio Bengo. Além disso, ao pé da colina de Quifangondo estava um grosso tubo de betão da conduta de água doce que abastecia Luanda e que foi aproveitado pelas FAPLA como abrigo e obstáculo natural em várias partes da sua linha de defesa. Ao longo do tubo foram abertas trincheiras e organizados ninhos de atiradores. As posições organizadas na elevação de Quifangondo ofereciam às tropas das FAPLA a possibilidade de controlo seguro das estradas de Caxito a Luanda e de Luanda a Catete.

O desenrolar da Batalha de Quifangondo (23 de Outubro – 10 de Novembro de 1975)

A Batalha de Quifangondo pode ser dividida em três etapas.

Primeira etapa: De 23 de Outubro a 4 de Novembro. Eram os primeiros combates de encontro na zona da estrada entre a Lagoa do Panguila e Morro da Cal, uma espécie de reconhecimento em força, prova de força, concentração

e acumulação de reservas, uma intensa organização do terreno pelas FAPLA na zona de Quifangondo.

Segunda etapa: de 5 a 8 de Novembro. Caracterizava-se por vários ataques das tropas da FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA ao longo da estrada do Morro da Cal à Lagoa do Panguila e mais adiante contra Quifangondo em resultado dos quais as forças de H. Roberto conseguiram avançar em direcção a Quifangondo e conquistaram a ponte sobre a Lagoa do Panguila. Aproveitando-a como testa-de-ponte, começaram a preparar-se para o assalto final. Esta etapa, antes de mais nada, caracteriza-se pelo reforço das partes beligerantes em artilharia.

Terceira etapa: de 9 a 10 de Novembro. As tropas da FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA empreenderam ofensiva decisiva que resultou na sua derrota total e posterior retirada. Na noite de 10 a 11 de Novembro, em Luanda foi proclamada a Independência de Angola. O Governo do MPLA oficialmente chegou ao poder. Cabe notar que no dia 10 de Novembro, os combates no Norte do país não terminaram e continuavam com diferente grau de intensidade, mas seu carácter mudou. A 15 de Novembro as FAPLA e os cubanos passaram à ofensiva em direcção a Caxito e depois a Ambriz, Quibaxe, Dande e Carmona (Uíge), – este ultimo tomaram apenas a 6 de Janeiro de 1976. Esta ofensiva durou vários meses, durante os quais a ELNA/FNLA foi reforçada com o destacamento de mercenários estrangeiros, na sua maioria ingleses e americanos sob o comando do assim chamado “Coronel Callan”, que começaram a aderir ao H. Roberto um mês após a derrota na Batalha de Quifangondo. Mas esta culminou com a derrota total das tropas da FAZ-ELP-ELNA/FNLA no Norte.



14. Um dos folhetos da propaganda da FNLA lançados das avionetas sobre a Luanda em Outubro de 1975.



15. O dia 7 de Setembro ficou na História das FAPLA como o Dia da Vitória na Batalha de Caxito. Nesta batalha, foram capturados primeiros comandos portugueses brancos do grupo do Coronel Gilberto Santos e Castro, nomeadamente, Quintino, Fernandes e Pereir

13. No livro de P. Marangoni “A Opção Pela Espada” há um mapa pormenorizado das posições FNLA/ zairenses – FAPLA/ cubanos no Quifangondo com o número exacto de peças e obuses (1 canhão 130-mm zairence, 3 obuses 140-mm sul-africanos) e dos quatro BM-21 nas posições FAPLA/cubanos.



REFORÇO DAS PARTES BELIGERANTES NA VÉSPERA DO COMBATE DECISIVO DO DIA 10 DE NOVEMBRO DE 1975

À medida da aproximação do dia 11 de Novembro, ambas as partes opostas aproveitavam as possibilidades para a acumulação das forças para a batalha decisiva que devia determinar quem iria governar Luanda. No período de 8 a 9 de Novembro, o agrupamento da FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA, bem como as FAPLA e instructores cubanos em Quifangondo foram consideravelmente reforçados.

Na tarde do dia 9 de Novembro, ao Morro da Cal chegou um Pelotão de Artilharia pesada composto de três obuses rebocados de 140 mm G-2 das SADF tendo dado, conforme a opinião oficial da CIA em Angola e conselheiro norte-americano de H. Roberto J. Stockwell **“uma nova esperança à FNLA”**. De outro lado, na véspera do dia 10 de Novembro, o agrupamento das FAPLA e cubanos também receberam um importante reforço que, em particular, integrava uma Bateria de BM-21 “Grad”. Estes lançadores múltiplos, a 7 de Novembro, chegaram pelo mar do porto congolês de Poin-

16. Os C.E. portugueses estavam sob o comando do ex-Coronel do Exército Português Gilberto Santos e Castro (no centro).



te-Noire ao porto de Luanda. Ao Congo os veículos foram transportados da URSS por via aérea. Em Quifangondo eles apareceram na véspera do dia 10 de Novembro. O participante da Batalha general Salviano de Jesus Sequeira “Kianda” recorda: “Na noite anterior (de 9 a 10 de Novembro de 1975.– S.K.), entretanto tinha sido introduzida na nossa ordem combativa um novo sistema de armas, o tenebroso e denominado na Segunda Guerra Mundial, de “Órgãos de Staline” – os BM-21 (sistema de artilharia reactiva)”.

Durante a noite de 9 a 10 de Novembro, o agrupamento das FAPLA e cubanos na zona de Quifangondo foi reforçado ainda mais com



17. Segundo os sul-africanos, em Quifangondo ao lado da FNLA estava a versão chinesa do canhão soviético de 130 mm M-46. Devido à baixa competência das guarnições Zairenses, estes potentes canhões de longo alcance não desempenharam o papel que realmente podiam desempenhar.

a Companhia de força especial do Ministério do Interior de Cuba que tinha chegado alta noite do dia 9 de Novembro a Luanda vinda de Havana em dois aviões “Bristol-Britannia”. Foi a primeira unidade das tropas regulares cubanas em Angola que integrava 158 combatentes (é interessante que o seu número quase coincide com o número dos comandos portugueses ao lado do FNLA!), 120 dos quais (os Corvos ao Imbondeiro) foram transferidos a Quifangondo, ficando no segundo escalão das FAPLA na região de Cacuaco e constituindo a “reserva operacional dos defensores de Quifangondo”.

COMPOSIÇÃO DE FORÇAS E MEIOS DAS PARTES BELIGERANTES NA VÉSPERA DO COMBATE DECISIVO DE 10 DE NOVEMBRO DE 1975

O agrupamento da FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA. Na véspera da ofensiva decisiva contra Luanda a ser realizada nos dias 9 e 10 de Novembro, a coligação de forças da FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA contava com cerca de 2-3,5 mil homens: de 3 a 4 Batalhões de Infantaria, Companhia de Pontes, Companhia de C. E. portugueses (154 pessoas), 52 militares sul-africanos.

À disposição do líder da FNLA H. Roberto havia as seguintes armas, material blindado e transporte: até 16 veículos blindados Panhard (AML-90, AML-60, AML-VTT), até 10 jipes com canhões sem recuo anti-carro de 106 mm, Pelotão de obuses sul-africanos de 140 mm G-2 (três obuses, 20 efectivos da guarnição sob o comando do Jack Bosch), um canhão de 130 mm do Exército zairese “do tipo 59-1”, uma Bateria de morteiros de 120 mm (até 10 morteiros), alguns morteiros de 81 mm, 60 mm, supostamente morteiros 106 mm, além de alguns canhões antiaéreos de 20 mm instalados nos carros, vários camiões Mercedes e outro material.

O comando geral do agrupamento de FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA em Quifangondo foi exercido pelo Presidente da FNLA, Comandante em Chefe do ELNA Holden Roberto. O contingente militar zairese era comandado pelo Coronel zairese Mamina Lama. O Estado-Maior da FNLA e os C. E. portugueses estavam sob o comando do ex-Coronel do Exército Português G. Santos e Castro. O contingente militar sul-africano era comandado pelo Brigadeiro Ben de Velt Roos. O Posto de Comando das tropas coligadas FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA estava situado no Morro da Cal, enquanto o Posto de Comando Avançado situava-se na zona da ponte sobre a Lagoa do Panguila.

O agrupamento das FAPLA e cubanos. A 10 de Novembro, na véspera da ofensiva decisiva das forças da FNLA em direcção a Luanda, a coligação de forças das FAPLA e das tropas cubanas contava com cerca de 1300 homens, sendo mais de 200 deles militares cubanos, nomeadamente, cerca de 80 instrutores e artilheiros das guarnições dos BM-21, canhões de 76 mm, morteiros de 120 mm e ZPU-4; uma companhia (120 militares) da força especial do MI de Cuba (assim chamados os Corvos ao Imbondeiro) que ocupavam as posições no segundo escalão na região de Cacuaco, assim como até 10 oficiais do Comando da Missão Militar Cubana em Angola. «As FAPLA receberam o reforço internacionalistas cubanos, ajudando a con-

solidar as suas posições com armas pesadas. Considerando que a batalha tinha grande importância estratégica e política preponderantes as FAPLA foram reforçadas com uma companhia de tropas especiais cubanos, os Corvos ao Imbondeiro, e um batalhão de BRDM na ala esquerda do rio Bengo e na condução de água que abastece Luanda a partir de Kifangondo», – recorda Carlos Alberto da Silva Xavier, General das FA Angolanas.

Segundo recordavam os veteranos das FAPLA, as suas forças formavam três Batalhões de Infantaria, estando dois no primeiro escalão e um no segundo (embora num mapa da Batalha publicada na Edição “XI Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo” do Instituto de Geodesia e Cartografia de Angola, 1986, são claramente indicadas apenas dois Batalhões).

À disposição das FAPLA e cubanos havia as seguintes peças de artilharia, material blindado e de transporte: uma Bateria de BM-21, uma Bateria de lançadores “Grad-1-P” (seis peças), três canhões de 76 mm ZIS-3, um Pelotão de ZPU-4 de 14,5 mm, alguns sistemas AA ZGU-1 (possivelmente), uma Bateria de morteiros de 120 mm, uma Bateria de morteiros de 82 mm, um Pelotão (quatro veículos) BRDM-2, duas Baterias de canhões sem recuo B-10 de origem soviética, duas Baterias de canhões sem recuo C-75 e vários camiões Unimog e outro material.

O agrupamento das FAPLA estava sob o comando de David Moisés “Ndozi”. O Estado-Maior era comandado pelo Chefe do Estado-Maior da 9ª Brigada António dos Santos França “Ndalú”, o Chefe da Artilharia era Roberto Leal Monteiro “Ngongo” e o Chefe de Operações era Rui de Matos “Maio”. Também fez parte da estrutura do comando Salviano de Jesus Sequeira “Kianda”, actual Ministro da Defesa Nacional de Angola. O contingente cubano em Quifangondo era comandado pelo Fernandez Gondin.



18. Os obuses 140-mm G-2 no Museu da História militar de Luanda.

A coligação de forças das FAPLA e das tropas cubanas contava com cerca de 1300 homens.



19. Os combatentes do ELNA capturados pelas FAPLA 1975.

O COMBATE DECISIVO DE DIA 10 DE NOVEMBRO



20. Um dos comandantes do ELNA na Batalha de Quifangondo Tonta Afonso de Castro A foto da Colectânea "A batalha de Quifangondo. 1975. Factos e documentos". Mayamba Editora, Primeira Edição Luanda, 2011.

Durante todo o dia 9 de Novembro, as tropas da FNLA e do Zaire flagelavam com a sua artilharia de longo alcance e morteiros as posições das FAPLA e dos cubanos em Quifangondo, assim como os subúrbios de Luanda. O participante da defesa do Quifangondo Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier recorda: "Durante o dia 9 de Novembro estivemos sob o tiro intenso de todas as Baterias da artilharia do inimigo que, pelos vistos, esperava que respondêssemos descobrindo a localização das nossas armas. Mas pela ordem do comandante "Ndozi" as nossas tropas não abriam fogo, pois, sabíamos que os sul-africanos utilizavam o sistema de pontaria de canhões que localizava os alvos pelo som". A artilharia bombardeava durante todo o dia 9 de Novembro e apenas à noite reinou o silêncio. Naquele dia não houve mais ataques contra Quifangondo. O combate decisivo teve lugar no dia 10 de Novembro.



21. Duas Baterias de canhões sem recuo soviéticos B-10 de 82 mm entre outras armas de artilharia participaram na Batalha do Quifangondo ao lado das FAPLA.



22. O ex-Chefe da Artilharia das FAPLA na Batalha do Quifangondo Roberto Leal Monteiro "Ngongo" na qualidade do Chefe de Operações do EMG das FAPLA preside a reunião na mata na área do Cuíto Cuanavale. 1989.

Às 04:30H da manhã de 10 de Novembro de 1975, o tiro intenso de canhões e morteiros do lado do Morro da Cal contra as posições das FAPLA marcou o início da preparação de artilharia da ofensiva em direcção a Quifangondo. Os obuses de 140 mm sul-africanos, visando produzir um efeito psicológico nos habitantes da capital angolana, igualmente começaram o bombardeamento de Luanda e dos seus subúrbios. Igualmente era utilizado o canhão de 130 mm zairense. O "soldado da fortuna" brasileiro, ex-combatente da Batalha do Quifangondo ao lado da FNLA P. Marangoni recorda que "Segundo o plano de tiro, primeiro se bombardeariam alvos estratégicos da capital incluindo o aeroporto, por onde uma ponte aérea despejava soldados cubanos e armamentos. Depois era a vez de Quifangondo, tentando se destruir os abrigos. À medida que fossem detectados focos de resistência aos blindados Panhard a avançar pela estrada, os obuses iriam fazendo seu tiro de protecção".

A volta das 06:00H os três aviões tipo "Canberra" da FA sul-africana apareceram sobre o campo de batalha e realizaram o bombardeamento. Porém, o ataque não causou grande dano visto que os aviões deviam manter-se à grande altura e os alvos ficavam invisíveis no nevoeiro matutino.

A artilharia bombardeava durante todo o dia 9 de Novembro e apenas à noite reinou o silêncio.

Entre 6 e 7 horas da manhã do dia 10 de Novembro, as tropas da coligação FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA passaram à ofensiva.

Foram lançadas somente quatro bombas das nove disponíveis, mas nenhuma atingiu os alvos.

Entre 6 e 7 horas da manhã do dia 10 de Novembro, as tropas da coligação FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA passaram à ofensiva. H. Roberto, procurando romper as defesas dos defensores de Quifangondo e conquistar Luanda, lançou ao ataque todas as suas forças disponíveis, inclusive a sua “reserva estratégica”, i.e., a Companhia integrando 154 C.E. portugueses comandada pelo Coronel Santos e Castro e todos os veículos blindados AML-90 e AML-60 Panhard.



As tropas da FNLA e do Zaire avançavam em dois grupos ao longo da estrada. No primeiro escalão estavam os comandos portugueses (até 80 homens) e três AML Panhard (dois AML-60 e um AML-90). No segundo escalão avançavam os restantes AML Panhard, seguidos por soldados da FNLA e do Zaire nos camiões Mercedes.

Segundo os testemunhos dos veteranos das FAPLA, durante o início do ataque do lado do Morro da Cal e o bombardeamento das suas posições pela artilharia, os defensores de Quifangondo não respondiam com o fogo. Os artilheiros receberam a ordem do Comandante “Ndozi” de esperar até que

“o primeiro escalão dos atacantes iria ficar na zona de alcance dos principais meios de fogo”. Além disso o Comandante “Ndozi” mandou explodir as duas pontes. O ex-combatente da Batalha de Quifangondo General das FAA Carlos Alberto da Silva e Mello Xavierr dizia que a ponte sobre o Bengo foi destruída. O participante da Batalha General Salviano de Jesus Sequeira “Kianda” recorda que a ponte do Bengo foi destruída ainda no dia 8 de Novembro de 1975. “08.11.1975 as tropas da coligação inimiga apoiadas pelo fogo de artilharia realizavam o sua acção de reconhecimento combativo que nos pareceu o início da sua ofensiva decisiva, que obrigou a destruição pelas nossas tropas da ponte sobre o rio Bengo por ordem do Comandante da 9ª Brigada. A destruição da ponte não foi detectada pelo inimigo pois a sua explosão confundiu-se com as explosões dos fogos das artilharias beligerantes”.

À medida da aproximação a Quifangondo, a coluna atacante entrava na zona de alcance das armas ligeiras e dos lança-granadas anti-carro (RPG). Os três AML Panhard dos comandos portugueses, ao ficar a 100 metros da ponte sobre o rio Bengo, foram recebidos pelo fogo dos canhões de 76 mm.

Segundo P. Marangoni, o Panhard 90 comandado pelo tenente Paes sofrera um impacto directo que o destroçou e incendiou-se. O seu comandante tenente Paes foi morto e o municionador Remédios ferido. Um dos AML-60 chefiado pelo tenente Lopes chegou à menos de 100 metros da ponte, mas igualmente foi atingido ficando com os pneus perfurados, porém, soube arrastar-se em direcção à retaguarda e até conseguiu salvar o condutor ferido do destruído AML-90. O terceiro Panhard-60 havia caído no pântano devido aos tiros que recebera. Depois de rechaçado o ataque dos três Panhard contra a ponte, o comando da tropa em Quifangondo compreendeu que chegava o momento crítico. Atrás dos três Panhard dos comandos portugueses pela estrada do Morro da Cal avançava uma força séria capaz de varrer as barreiras da defesa das FAPLA.



23. Durante a sua primeira visita a Angola, o líder cubano Fidel Castro no dia 14 de Março de 1977 deslocou-se a Quifangondo onde António dos Santos França “Ndalú” contou-lhe em detalhes sobre a Batalha do Quifangondo.

A ENTRADA EM COMBATE DOS BM-21

O correspondente do jornal "Pravda" Valeriy Volkov escreveu sobre isso assim: "... O inimigo continua a avançar em formação de ataque sendo apoiado por veículos blindados tripulados por mercenários portugueses. Mal o primeiro pelotão entra na área de cobertura, soa o primeiro tiro e um veículo blindado arde. Em seguida é destruído um outro blindado. A infantaria modera o passo e finalmente pára. Neste momento disparam os lançadores múltiplos. O inimigo não tem nenhuma chance de se abrigar..."

A revista soviética "Vokrug Sveta" N.º 5 (2500). Maio de 1982. Rubrica "Dos Países e Povos". O artigo "Carnaval da Vitória".



24. Uma raríssima foto reflecte a chegada dos BM-21 soviéticos no Pointe-Noire (Congo- Brazzaville). Novembro de 1975.

Num momento determinado todos os meios da artilharia inclusive a Bateria dos BM-21 "Grad" situada a leste do morro de Quifangondo deram um golpe massivo contra as tropas em ofensiva. Foi a primeira vez que os BM-21 entraram em combate. Isso foi uma surpresa para o inimigo. Primeiro, foi bombardeada a coluna da FNLA e do Zaire que avançava da região da granja, sendo em seguida atacado o Morro da Cal onde estavam o Posto de Comando de H. Roberto e as posições da artilharia de longo alcance da FNLA. Alguns camiões Mercedes, carregados de soldados zairenses que cruzaram a ponte do Panguila foram atingidos pelas salvas dos BM-21 e, segundo P. Marangoni, "começaram a morrer sem chance de defesa na primeira curva depois da ponte".

Em que momento exacto entraram em combate os BM-21? No artigo publicado na Colectânea "A batalha de Quifangondo. 1975. Factos e documentos" "Reflexões sobre a Batalha de Quifangondo", o historiador diplomado F. Girão Osó-



25. Tendo em conta que o BRDM-2 tornou-se símbolo das vitórias das FAPLA no Norte de Angola, depois de terminados os combates, este veículo blindado foi colocado como monumento no Largo do 1o de Maio em Luanda (hoje já não existe).

rio, recorrendo às memórias dos participantes da Batalha, escreve: "...o capitão Ndalú e seus conselheiros cubanos deram ordens de não disparar aos seus artilheiros enquanto a coluna da FNLA se estende ao longo da estrada asfaltada. Subitamente pelas 12:00 horas todas as peças receberam ordem de fazer fogo ao mesmo tempo fazendo cair sobre os homens e viaturas um dilúvio de projectéis e stilhaços...". Nesta citação não são referidos directamente os BM-21, mas tendo em conta que eles tinham o alcance superior a 20 km e que além destes lançadores nenhuma boca de fogo disponível das FAPLA não podia atingir a coluna do inimigo que descia do Morro da Cal (mesmo o morteiro de 120 mm tem alcance efectivo 4-5 km), torna-se evidente que as maiores perdas aos atacantes foram causadas pelos mísseis dos BM-21.





26. Na manhã do dia 10 de Novembro de 1975, três bombardeiros sul-africanos Canberra dotados de três bombas de 450 kg cada bombardearam as posições das FAPLA, mas o ataque não causou nenhum dano.

Segundo escrevia o conselheiro norte-americano de H. Roberto, Chefe do Grupo de Operações da CIA em Angola J. Stockwell que na época estava no Posto de Comando da FNLA, contra as tropas atacantes da FNLA e do Zaire foram disparados mais de 2 mil mísseis de 122 mm. Segundo os dados cubanos, que evidentemente são mais próximas à realidade, foram disparados cerca de 700 mísseis dos BM-21 “Grad”. Mas mesmo esta quantidade de projecteis foi suficiente para assentar no dia 10 de Novembro um duro e inesperado golpe às unidades atacantes da FNLA e do Zaire.

Eis o testemunho do norte-americano J. Stockwell: “...então os rockets de 122 mm começaram a cair no vale de Quifangondo, não como um simples ribombar de trovão, mas em salva, vinte de cada vez. A primeira salva foi comprida, troando por sobre as cabeças dos soldados da FNLA, desnorreados... A salva seguinte foi curta e o pequeno exército estava reunido, exposto num vale aberto, sem cobertura. Os corações dos soldados estremeçeram oprimidos de terror, quando se atiraram para o chão ou mantiveram-se de pé desamparadamente, hipnotizados, assistindo ao cair da salva seguinte no meio deles. E outra. E uma outra ainda... a força de choque se desmantelava e fugia em pânico, espalhando-se pelo vale em todas as direcções, abandonando armas, veículos,



28. Ex-combatante da Batalha do Quifangondo, Chefe do Estado-Maior da 9a Brigada General das FAA na reserva António dos Santos França “Ndalú” (no centro) é recebido pelo Presidente de Angola Engenheiro José Eduardo dos Santos.

e também camaradas feridos... A nossa artilharia nada podia contrapor... O seu alcance nem chegava à metade do alcance dos lançadores múltiplos”.

Holden Roberto que naquela altura estava no Morro da Cal e assistia, impotente, à morte dos seus soldados, muitos anos depois recordava: “Aquele dia foi o pior da minha vida... Quando vi como a chuva de mísseis arrasava as minhas tropas, desejei que a terra se abrisse e me engolisse”.

Eis como recorda as consequências do golpe dos BM-21 no dia 10 de Novembro em Quifangon-

29. Foto das altas patentes do MinDef e delegação da União Russa dos Veteranos de Angola após o acto de condecoração com medalhas da URVA. Luanda, 2015.

27. Entrega da Medalha de Ouro da URVA «Pela Cooperação: Angola – Rússia» ao João Manuel Gonçalves Lourenço. Moscovo, 2015





30. Comandante da FANA Coronel-General Francisco Lopes Gonçalves Afonso «Hanga» (à direita) é o Membro de Honra da União Russa dos Veteranos de Angola.

A verdade que seja dita, ninguém poderia resistir a câdencia de flagelamento dos BM-21

31. Autor do livro Serguei KOLOMNIN no Museu da História militar de Luanda.

do um dos comandantes do ELNA General Tonta Afonso de Castro. “Tiros de morteiros de 120 mm e salvas dos BM-21 partipam como chuva de ferro do morro de Quifangondo e bateram em diferentes ângulos contra as posições da FNLA... A intensidade do fogo dos BM-21 criou um pânico geral no seio de todas as forças: entre os mercenários, angolanos e zairenses, tendo até os blindados zairenses atropelado a sua tropa na precipitação e urgência em abandonar o terreno... A verdade que seja dita, ninguém poderia resistir a câdencia de flagelamento dos BM-21. Por isto, a maioria foi contagiada pelo pânico e assim ela foi levada a abandonar desordenadamente o campo de batalha”.

Segundo as recordações dos cubanos, depois da chegada das munições (rockets) de Luanda, a partir das 14:00H, os BM-21 “Grad” prosseguiram o bombardeamento das posições da FNLA. Aquelas salvas “resultaram na derrota definitiva do inimigo em Quifangondo que bateu em retirada desordenada”.

Os primeiros a compreender a derrota contundente sofrida pelas forças da coligação FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA foram os sul-africanos que logo se retiraram do campo de batalha. P. Marangoni escreve que “os obuses sul-africanos foram diminuindo a intensidade do fogo até cessar de vez.



Às 16:30H os sul-africanos se retiraram do local com todo o material, sem receber autorização ou comunicar a ninguém”. Segundo P. Marangoni, “Eles fugiram durante o combate”. A sua fuga foi tão precipitada que abandonaram os obuses sem as culatras. Já à noite do dia 11 de Novembro, os onselheiros e militares sul-africanos do agrupamento da FNLA foram resgatados do aeródromo em Ambriz por helicópteros de transporte Puma da FA da RSA, sendo levados para a fragata da Marinha da RSA “President Steyn”.

Os soldados da FNLA e do Zaire sobreviventes na batalha de Quifangondo, devido às enormes perdas viriam a designar a estrada a Luanda de Estrada da Morte (“Nshila wa Lufu” na língua kikongo). Segundo os dados cubanos, a FNLA declarou oficialmente a morte de 345 dos seus combatentes em Quifangondo (sem contar as baixas entre os militares zairenses). Aliás, Holden Roberto na entrevista concedida ao eatirador E. George disse que naquele combate pereceram 120 combatentes da FNLA, e mais de 240 foram feridos ou mutilados. O participante da batalha do lado das FAPLA, General das FAA Salviano de Jesus Sequeira “Kianda” recordava que entre os defensores houve apenas “duas dezenas de feridos e três mortos”.



32. Ex-combatente da Batalha do Quifangondo ao lado das FAPLA General da reserva Carlos A.S. Mello Xavier.



33. Comandante da FANA Coronel-General Francisco Lopes Gonçalves Afonso «Hanga» e general Mateus com veteranos russos durante o acto de comemorações do 30o Aniversário da Victoria na Batalha do Cuíto Cuanavale. 2018.

O TRIUNFO NA BATALHA DE QUIFANGONDO

A Batalha de Quifangondo foi a primeira vitória conjunta em Angola do MPLA/FAPLA e dos combatentes internacionalistas cubanos sobre os invasores estrangeiros. Foi uma manifestação real do internacionalismo e da irmandade de armas que ajudaram a defender Luanda contra a invasão estrangeira e a proclamar a Independência do país.

É assim que esta Batalha vai ficar nos anais da História!

Era assim que, em 1977, António dos Santos França “Ndalú”, participante da Batalha, destacada figura militar e política de Angola, posteriormente nomeado Chefe do Estado-Maior General das FAPLA e actual general na reserva das FAA avaliou a sua importância. Durante a sua primeira visita a Angola, o líder cubano Fidel Castro queria ver o local daquela Batalha Histórica. No dia 14 de Março de 1977, Fidel Castro deslocou-se a Quifangondo onde António dos Santos França “Ndalú” contou-lhe em detalhes sobre a Batalha.

Considera-se que foi em Quifangondo que começou a marcha triunfal do MPLA em Angola.

34. Roberto Leal Monteiro “Ngongo” junto e general Sijeleca, após o acto de condecoração com medalhas da URVA. Luanda, 2015.



35. Brigadeiro Simão Carlitos Wala e autor do livro Serguei KOLOMNIN na Sede da União Russa dos Veteranos de Angola, Moscovo.

Ao concluir, ele proferiu as palavras que vale a pena serem lembradas:

“A Batalha de Quifangondo significa para nós não apenas a primeira operação conjunta dos angolanos e cubanos contra o inimigo comum que culminou com a derrota rápida do adversário, desmoralizou os seus combatentes e permitiu transferir as forças, inclusive os internacionalistas cubanos para as zonas mais críticas da Frente Sul. Esta Batalha mostrou que o povo confiante na sua libertação, sempre obtém a vitória. Nela manifestou-se o internacionalismo na sua forma mais pura”.

O triunfo na Batalha de Quifangondo e muito em especial a vitória na Batalha do Cuito Cuanavale, tornou possível a libertação posterior da Namíbia do domínio sul-africano, tendo substancialmente acelerado a desmontagem do regime do apartheid na RSA e a chegada ao poder do Governo do Congresso Nacional Africano (ANC) que representava a maioria africana daquele país. Graças a isso, Angola figuradamente pode hoje ser chamada de “trampolim” a partir do qual “arrancou” a independência da Namíbia e foi concluída a desmontagem do hediondo regime de discriminação racial na RSA. Isso é a verdade histórica.



TEXTO: Kolomnin Serguei Anatolievich ©
Edição da União Russa dos Veteranos de Angola, 2018.

Fotos da União Russa dos Veteranos de Angola © ®

Endereço Postal da União Russa dos Veteranos de Angola:

121 099, Moscovo, Smolenskaia plochad, 13/21, Escritório 161.

Tel.: (499) 940-74-63

E-mail: veteranangola@mail.ru

Nossa página na Internet: www.veteranangola.ru